

Publicado no Livro: ARAGÃO, Iury Parente, MORAIS, Osvando J. de, JACONI, Sonia. *JMM- Fortuna Crítica de José Marques de Melo – Jornalismo e Midiologia*. São Paulo: Intercom, 2013, pp. 15-21.

FUNDAMENTOS DE UMA TRAJETÓRIA

SÉRGIO MATTOS¹

Da Responsabilidade social do jornalismo, um opúsculo de 14 páginas de conteúdo, publicado como tendo sido o nº 1 da Série Documentos do Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM), em Recife, no ano de 1965, se caracteriza como a primeira publicação de José Marques de Melo no formato de livro. Trata-se do texto do discurso que ele pronunciou na condição de Orador da Turma, na solenidade de colação de grau dos Bacharéis em Jornalismo de 1964, da Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP.

No convite de formatura dos Bacharéis em Jornalismo de 1964, segunda turma do curso dirigido por Luiz Beltrão, está impresso o registro de que José Marques de Melo foi escolhido como Orador da Turma “para representar o pensamento dos novos jornalistas na solenidade de colação de grau”. Àquela época, ele já tinha experiência como jornalista tendo em vista ter colaborado e trabalhado na *Gazeta de Alagoas*, no *Jornal de Alagoas* e na *Última Hora-Nordeste*, além de ter sido diretor do Movimento de Cultura Popular, Assessor do ex-secretário de Educação Germano Coelho e quando de sua formatura exercia a função de Coordenador dos Serviços de Editoração da SUDENE.

O opúsculo foi lançado durante a realização do I Curso Nacional de Ciências da Informação, promovido pelo ICINFORM com a colaboração da SUDENE e de outros órgãos públicos do Nordeste. Apesar de não constar entre as obras do autor no currículo da Plataforma Lattes, podemos inferir que foi com a publicação deste opúsculo que a produção acadêmica de José Marques de Melo foi iniciada, inaugurando também a série de documentos publicados pelo ICINFORM.

¹ Sérgio Mattos é jornalista, mestre e doutor em Comunicação pela Universidade do Texas, em Austin, Estados Unidos, professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e autor de livros como: *O Contexto Midiático* (IGHB, 2009), *Historia da Televisão Brasileira: uma visão econômica, social e política* (Vozes, 5ª edição revista e ampliada, 2010), entre outros.

O ICINFORM foi criado e instalado no ano de 1963 por Luiz Beltrão, quando da formatura da primeira turma de Jornalismo da UNICAP, com o propósito de estimular a integração entre a Universidade e os profissionais da área, além de procurar estimular o interesse pela pesquisa e a divulgação científica. De certa forma foi ele quem, direta e indiretamente, estimulou em José Marques de Melo o gosto pela pesquisa.

O pioneirismo e a dedicação de Luiz Beltrão, autor de *Iniciação à Filosofia do Jornalismo* (1960), que integra a coleção dos Clássicos do Jornalismo Brasileiro, publicada, pela EDUSP ao lado de outros autores paradigmáticos como Barbosa Lima Sobrinho, Rui Barbosa, Carlos Rizzini, Danton Jobim, Carlos Lacerda, Alceu de Amoroso Lima entre outros, com toda certeza muito influenciou na carreira construída por José Marques de Melo.

Beltrão criou o primeiro periódico científico em comunicação do país, *Comunicação & Problemas*, inspirado na revista *Journalism Quartely*, para funcionar como o veículo de divulgação do ICINFORM, que por sua vez foi inspirado do CIESPAL (Centro Internacional de Estudos Superiores da Comunicação para a América Latina), onde logo após a formatura José Marques de Melo foi fazer curso de pós-graduação. Como Luiz Beltrão, primeiro doutor em Comunicação, José Marques de Melo foi o primeiro a defender tese de doutoramento em Jornalismo no Brasil.

Como discípulo de Luiz Beltrão, José Marques de Melo seguiu os passos dele no que diz respeito à sistematização do conhecimento estocado na literatura da área e como resultado disso hoje exibe em seu currículo inúmeros livros publicados e instituições criadas, a exemplo da INTERCOM. Como Luiz Beltrão dialogava e transitava entre autores paradigmáticos de sua época, o mesmo, e com maior intensidade, podemos dizer com relação a José Marques de Melo reconhecido internacionalmente pelo trabalho consistente em benefício da área da comunicação em geral e do campo do jornalismo em particular.

Mas para chegar ao patamar atual, José Marques de Melo começou com a publicação do opúsculo intitulado *Da Responsabilidade Social do Jornalismo*, que é o objetivo desta resenha e sobre o qual nos dedicaremos após contextualizar o clima em que se encontrava o país no ano em que ele foi o Orador da Turma. Assim sendo, a diplomação da segunda turma de Bacharéis em Jornalismo da UNICAP correu em dezembro de 1964, numa época em que o Brasil vinha vivendo uma crise política que se arrastava

desde a renúncia de Jânio Quadros, em 1961, agravada pelas conseqüências da Guerra Fria, que estava no auge.

A diplomação, portanto, ocorreu no ano do Golpe de 1964, que afastou João Goulart da presidência da república e que se caracterizou pela supressão dos direitos constitucionais, pela censura, pela repressão, perseguição política e prisão de inúmeros intelectuais, políticos e jornalistas. Em Recife, o governador Miguel Arraes foi destituído do cargo e preso como traidor da nação. José Marques de Melo trabalhava no governo de Arraes exercendo a função de chefe de gabinete do secretário de Educação e, em seguida, foi coordenar o projeto de consolidação do Movimento de Cultura Popular, tendo também sofrido as conseqüências por ter participado do governo de Arraes (MATTOS, 2010).

Considerando o contexto político e social do país no ano de sua diplomação o discurso pronunciado por José Marques de Melo e transformado em opúsculo publicado pelo ICINFORM, foi corajoso ao denunciar os atentados contra a liberdade de imprensa pelo poder político e as pressões econômicas no sentido de exercer o controle da mídia:

No momento atual [1964], o jornalismo brasileiro atravessa um período de crise. Crise, aliás, que é uma conseqüência da nossa condição de país subdesenvolvido, e que deriva de instabilidade política e econômica da nação. De um lado, vemos a pressão do poder político efetuando atentados à liberdade de imprensa, não obstante o dispositivo constitucional que declara “É livre a manifestação de pensamento, sem que dependa da censura”. De outro lado, vemos a pressão dos anunciantes e o controle dos nossos veículos de informação por poderosos grupos econômicos estrangeiros, o que representa uma investida atentatória à soberania nacional. Aliás, fatos dessa natureza têm sido denunciados largamente, sobretudo a partir de exemplos palpáveis como o controle dos veículos de difusão nos períodos eleitorais, sem que o poder público tenha tomado quaisquer providências para sanar esse mal. Nesse sentido é que o economista Celso Furtado, reconhecendo as conseqüências nefastas provocadas pelo desvirtuamento dos objetivos da imprensa nacional, a serviço de grupos alienígenas, advertia com muito acerto: “Devemos ter um estatuto legal que discipline a ação do capital estrangeiro, subordinando-o aos objetivos do nosso desenvolvimento econômico e da independência política. Deve o governo dispor, ainda, de meios para conhecer os recursos aplicados nos órgãos

que orientam a opinião pública” (MARQUES DE MELO, 1965, pp.12-13).

No seu discurso de formatura, José Marques de Melo já evidenciava sua preocupação com a formação do jornalista e com o ensino do jornalismo. Duas coisas às quais ele tem dedicado sua vida profissional ao longo das últimas cinco décadas, o que demonstra coerência de pensamento e o quanto ele já estava consciente do problema àquela época. Ele ainda hoje, 2012, defende opinião de que o ensino do jornalismo precisa ser repensado para superar distorções existentes nos processos de produção e difusão jornalística. Em livro recente, *História do Jornalismo*, ele diz que precisamos:

1)- Romper a tradição gutenberguiana que nos tem mantido prisioneiros dentro de estruturas tecnologicamente anacrônicas que ainda governam a lógica dos processos de ensino-aprendizagem. Precisamos potencializar os recursos oferecidos pelas novas tecnologias digitais, formando profissionais vocacionados para produzir conteúdos jornalísticos de interesse das maiorias iletradas, que permanecem excluídas do banquete civilizatório [...] 2)- Ultrapassar a caricatura balzaquiana que nos tem induzido a privilegiar a formação aristocrática de jornalistas comprometidos com os interesses das elites cultas ou medianamente educadas. Precisamos engendrar estratégias discursivas sintonizadas com o repertório das populações subinformadas e aplicar táticas motivadoras do apetite cultural daqueles bolsões marginalizados da sociedade de consumo. [...] precisamos tomar como referência a Cultura Popular, ao invés de persistir no domínio exclusivo da Cultura Erudita (MARQUES DE MELO, 2012,p.136).

Baseando-se na argumentação de autores estrangeiros como Fraser Bond, Roger Clause, Raymond Nixon, Walter Williams e até em Pio XII, além de citar os brasileiros Luiz Beltrão, Walter Ramos Poyares, Celso Furtado e Rui Barbosa ele construiu seu discurso elencando conceitos e afirmações de inúmeros autores que considerava como básicos para o exercício do jornalismo, tais como os exemplos a seguir:

* Compete ao jornalista a tarefa memorável de lutar pela construção de uma sociedade cada vez mais justa e mais humana.

* O jornalista não deve permanecer passivo diante dos problemas, limitando-se a criticá-los. A posição do jornalista tem que ser ativa e participante na elaboração do Direito, da luta pelo desenvolvimento.

* A tarefa do jornalista exige abnegação e destemor, honestidade e exatidão. Coragem e Civismo.

* O jornalista só deve escrever o que julga ser verdadeiro.

* O jornalista tem que ser um profissional que não cede a pressões políticas ou econômicas.

* O jornalista e o jornalismo devem ser leais à verdade.

* O jornalismo deve estar a serviço do bem comum, da justiça e da verdade.

* Os jornalistas são os defensores do povo e por isso na vida profissional a nossa posição deve ser exatamente a do vigilante.

* A defesa da liberdade de pensamento e expressão pé uma guerra contínua.

Neste opúsculo José Marques de Melo reconhece que a solenidade de formatura em jornalismo “significa também um marco para a própria vida social e política da região”, pois, citando Walter Ramos Poyares, “nada contribuirá mais decisivamente para que a imprensa se torne respeitável do que o levantamento do nível de formação dos jornalistas”.

Ao longo do texto José Marques de Melo deixa claro ter consciência de que o jornalismo brasileiro atravessava um período de crise como consequência do subdesenvolvimento, derivado da instabilidade política e econômica. E exatamente por isso condenou as pressões e atentados políticos e econômicos contra a liberdade de imprensa.

Em seu discurso, ele identificou o período de sua formatura como o período de transição entre o jornalista boêmio e o jornalista profissional. O período no qual o jornalismo romântico entrou em declínio cedendo o espaço ao jornalismo mais técnico e destinado a informar e a formar opinião. Considerando-se como um Técnico em Informação, ele destacou mais uma vez a importância da formação de nível superior dos jornalista ao exortar os novos jornalistas:

Meus colegas: a responsabilidade que assumimos neste momento histórico é de profunda significação. Ao dizer: “Eu creio no jornalismo como profissão a serviço do bem comum, da justiça e

da verdade”, cada um de nós aceita uma tarefa memorável na luta pela construção de uma sociedade cada vez mais justa e mais humana. Pois, como diz o prof. Raymond Nixon, catedrático de Jornalismo da Universidade de Minnesota, dos Estados Unidos: A influência da imprensa junto à opinião pública torna-se mais responsável e decisiva. O próprio desenvolvimento econômico e social dos povos está sujeito, em grande parte, à orientação criteriosa que lhes é proporcionada pelos homens que têm em suas mãos os recursos para a divulgação dos fatos e das idéias”(MARQUES DE MELO, 1965).

Em síntese, o opúsculo *Da Responsabilidade Social do Jornalismo* representa a gênese, o marco referencial, o início de um pensamento do qual se originou a maior parte dos estudos e publicações acadêmicas de José Marques de Melo. Este opúsculo evidencia ainda que, desde a época de sua formatura em Jornalismo, o autor já tinha pleno domínio conceitual e teórico do campo do jornalismo e que dialogava com os principais autores nacionais e estrangeiros do setor, demonstrando intimidade com o conteúdo abordado em suas respectivas obras, inclusive os clássicos. O autor também tinha plena consciência da época de transição e expansão do jornalismo, da indústria cultural e a formação de cadeias e redes nacionais e regionais.

E para concluir vale destacar a consciência e o conhecimento da história do jornalismo e dos jornalistas que fizeram acontecer no Brasil quando da exortação que fez, no final de seu discurso, sobre o papel de vigilância que os novos jornalistas deveriam assumir:

a nossa posição na vida profissional deve ser exatamente a de “Vigilantes”. Vigilantes para que as informações fornecidas ao público sejam “verdadeiras e exatas”, vigilantes para que elas sejam cotadas de “honestidade e respeito á dignidade humana”. Vigilantes para que o jornalismo brasileiro continue aquela tradição nacionalista, de que são marcos o jornalismo incipiente de Tiradentes, de Cipriano Barata, de Frei Caneca, de Evaristo da Veiga, na luta pela independência do país, e de José Bach e Monteiro Lobato, na campanha pelo monopólio estatal do petróleo. Vigilantes, enfim, porque, no dizer de Fraser Bond, “a batalha pela liberdade de pensamento e de expressão não conhece armistício; a luta pela sua salvaguarda é uma guerra contínua que existirá enquanto existirem as forças que a ela se opõem” (MARQUES DE MELO, 1965).

REFERÊNCIAS

MARQUES DE MELO, José. *Da responsabilidade social no jornalismo*. Recife, INCIFORM, 1965.

MARQUES DE MELO, José. *História do Jornalismo – Itinerário crítico, mosaico contextual*. São Paulo: Paulus, 2012.

MATTOS, Sérgio. *O Guerreiro Midiático: biografia de José Marques de Melo*. São Paulo/Petrópolis: Intercom/ Editora Vozes, 2010.